

SILVEIRA SANTOS ESCREVE

A CRÔNICA DA CIDADE

Foi ontem à noite.

Havia um bofado de gente andando por todo lado nas ruas de nossa cidade.

E principalmente aqui pela rua Paraná, onde as lojas estavam abertas, com as luzes acesas e as vitrines iluminadas, um aspecto mais festivo ainda nesses derradeiros dias do mil novecentos e sessenta e dois...

E, deixa estar que muita, mas muita gente mesmo, de todo planco para o ano de mil novecentos e sessenta e três está nos espreitando...

Mas, foi ontem a noite que nós o vimos.

Ele sempre contou muito "papo", muita vantagem de suas façanhas. Para ele, namorada nunca mandou.

E quando nós brincávamos dizendo que, quando ele se casasse sairia com o filho no colo, enquanto a sua esposa iria bela e faceira ao seu lado, ele chegava até a brigar conosco:

- Vê lá se eu tenho cara ~~para~~ para mulher me mandar?...

Na verdade, não é preciso ter cara de submisso, pois a mulher querendo manda mesmo à vontade no homem, não é?

Pois, como dizíamos, ele sempre nos contou muita vantagem. E segundo suas histórias, mulher com ele nunca tinha vez.

Uma vez - ele nos disse, - uma vez eu tinha uma namorada que pediu para que eu carregasse por uns instantes a sua bolsa. Sabe o que eu fiz? Dei o fora nela!

Pois as histórias que ele contava eram sempre assim: ele era o todo-poderoso, respeitado e acatado submissamente pelas pobres namoradas...

E muita gente já andava acreditando mesmo que ele era o tal...

E, olha, para falar a verdade, até nós mesmos já estávamos quase